



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA
FACED/CEAD/UAB



SILMARA GARBELINI ROSSETI
THAÍS ARAÚJO DE FREITAS MOTA

MEMORIAL REFLEXIVO
A MUSICALIZAÇÃO COMO INSTRUMENTO MEDIADOR DA APRENDIZAGEM
E DO DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

UBERLÂNDIA/MG

2021

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA A DISTÂNCIA

SILMARA GARBELINI ROSSETI

THAÍS ARAÚJO DE FREITAS MOTA

MEMORIAL REFLEXIVO
A MUSICALIZAÇÃO COMO INSTRUMENTO MEDIADOR DA APRENDIZAGEM
E DO DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Relatório apresentado como requisito parcial
de avaliação do Trabalho de Conclusão de
Curso de Pedagogia, modalidade a Distância
da Universidade Federal de Uberlândia.
Polo: Patos de Minas I - MG
Prof^ª Orientadora Gláucia Signorelli de
Queiroz Gonçalves

UBERLÂNDIA/MG

2021

SILMARA GARBELINI ROSSETI
THAÍS ARAÚJO DE FREITAS MOTA

MEMORIAL REFLEXIVO
A MUSICALIZAÇÃO COMO INSTRUMENTO MEDIADOR DA APRENDIZAGEM
E DO DESENVOLVIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Relatório apresentado como requisito parcial
de avaliação do Trabalho de Conclusão de
Curso de Pedagogia, modalidade a Distância
da Universidade Federal de Uberlândia.
Polo: Patos de Minas I - MG
Prof^a Orientadora Gláucia Signorelli de
Queiroz Gonçalves

Uberlândia, 11 de novembro de 2021

Aprovado em: _____

Prof^a (Orientadora) Gláucia Signorelli de Queiroz Gonçalves

Prof^a Fernanda Duarte Araújo Silva

Prof^a Simone Clea dos Santos Miyoshi

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, que me capacitou para que eu concluísse o presente projeto e o qual nunca me desamparou, mesmo nos momentos mais difíceis. À minha mãe, que sei que onde estiver, está muito feliz e orgulhosa de minha conquista. À minha filhinha Liz, que é minha inspiração diária para lutar e o motivo para eu não desistir de meus objetivos. E ao meu marido, por toda a compreensão e apoio para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos os professores do curso de Pedagogia à distância da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) por sempre estarem à disposição quando necessário e por contribuírem de forma fundamental para a construção do aprendizado. Em especial agradeço a minha orientadora Prof^a Gláucia Signorelli, por ser tão atenciosa, solícita e dedicada, e estar sempre à disposição toda a vez que precisei de seu auxílio, e por orientar-me com tanta sabedoria, conhecimento, presteza, respeito e profissionalismo.

Agradeço à toda minha família pelo incentivo e reconhecimento, em especial a meu pai, que sempre demonstrou muito orgulho de mim e sempre se alegra com cada conquista minha.

Agradeço também a minha colega de curso Thaís Mota, por toda parceria, compreensão, paciência e apoio em todos os momentos durante nossa trajetória acadêmica e, principalmente, na elaboração e conclusão do presente trabalho. Agradeço por sua amizade e pelas trocas de experiências, as quais, sem dúvida, foram essenciais para que eu conseguisse chegar até aqui. Sem ela, minha parceira, não teria sido possível concluir mais essa etapa de minha vida.

RESUMO

Este trabalho apresenta, primeiramente, um breve relato sobre minha trajetória pessoal e acadêmica, por meio de um memorial reflexivo. Destaca várias de minhas experiências e vivências desde a infância até a vida adulta. Os momentos marcantes, desafios, aprendizados, anseios e sonhos, bem como minha trajetória escolar na infância e adolescência e também minhas experiências acadêmicas no decorrer do curso de Pedagogia, além de minhas experiências práticas de estágio e da realidade escolar por mim vivenciada durante esses quatro anos de curso e como todo esse caminho percorrido impactou em minha vida hoje, negativa ou positivamente. Além disso, apresenta também um aprofundamento acerca da musicalização na Educação Infantil, tema este escolhido após a realização de estágios obrigatórios e não-obrigatórios nessa etapa de ensino. O trabalho discute como a música pode e deve ser utilizada como ferramenta na Educação Infantil, mais especificamente na pré-escola, além de discutir como tem sido as práticas pedagógicas dos professores, respondendo a seguinte problemática: “como tem sido desenvolvida a musicalização na pré-escola?”. O objetivo geral do presente trabalho foi analisar as contribuições que o ensino de música pode proporcionar no desenvolvimento das crianças na educação infantil, bem como conhecer a dinâmica do ensino de música nas escolas, ressaltando que é fundamental que os professores compreendam o papel que a música desempenha no desenvolvimento (motor, cognitivo, social, afetivo, cultural etc.) das crianças, e que, através da música, é possível trabalhar nela coordenação motora, percepção, expressão, ritmo, equilíbrio e autoestima. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de cunho bibliográfico.

Palavras-chave: Ensino de música; musicalização; Educação Infantil.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. DESENVOLVIMENTO	9
2.1 História de vida: Entre sonhos e desafios	9
2.1.1 Vivências na Infância	9
2.1.2 Trajetória escolar: Da infância a adolescência	10
2.1.3 Os desafios do Ensino Médio	13
2.1.4 Entrada na vida acadêmica e a escolha do curso de Pedagogia	15
2.1.5 Trajetória na área da educação: o curso de Pedagogia e a docência em construção	18
2.2 A musicalização como instrumento mediador da aprendizagem e do desenvolvimento na educação infantil	23
2.2.1 Concepção de Infância e a Educação Infantil	23
2.2.2. A Música como um instrumento mediador da aprendizagem e do desenvolvimento da criança na educação infantil	27
2.2.3. A prática pedagógica docente e a música na Educação Infantil	30
2.2.4. Resultados e discussões	33
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
4. REFERÊNCIAS	37

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar um breve histórico sobre minha trajetória pessoal e acadêmica por meio de um memorial reflexivo e, dissertar acerca da musicalização na Educação Infantil, tema escolhido dentro de minha área de atuação, qual seja, a área da Educação, mais especificamente, o curso de Pedagogia.

Desse modo, o presente trabalho relata minhas experiências pessoais e trajetória de vida, bem como minhas experiências acadêmicas no decorrer do curso de Pedagogia, além de minhas experiências práticas de estágio e da realidade escolar por mim vivenciada durante esses quatro anos de curso, e como todo esse caminho percorrido impactou em minha vida hoje, seja de forma negativa ou positiva.

Para tanto, o presente trabalho será dividido em dois tópicos principais e subtópicos em cada um deles. O primeiro, a respeito de minha história de vida, relatando desde as vivências na infância até o ingresso no curso de Pedagogia. O segundo, sobre o tema da área da Pedagogia a ser aprofundado: “A musicalização como instrumento mediador da aprendizagem e do desenvolvimento na educação infantil”. Ao abordar este tema temos o objetivo geral de identificar na literatura a importância e contribuição da música no desenvolvimento e na aprendizagem das crianças na Educação Infantil no período pré-escolar; discutir como tem sido as práticas pedagógicas dos professores, bem como despertar, no âmbito da educação da pré-escola, o trabalho musical dentro de sua amplitude e riqueza de possibilidades. Assim, refletindo sobre essas questões, surge a seguinte problemática: como tem sido desenvolvida a musicalização na pré-escola?

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 História de vida: Entre sonhos e desafios

2.1.1 Vivências na Infância

Sou a terceira filha de uma família de quatro irmãos, uma família simples, mas batalhadora, do interior do estado de São Paulo, de um bairro da periferia da cidade de Ribeirão Preto. Meu pai é pintor de residências e estudou apenas até a antiga oitava série. Já minha mãe, sempre foi empregada doméstica, e estudou apenas até a antiga quarta série. Tenho três irmãos, sendo um homem (mais velho) e duas mulheres. Nenhum deles é formado ou sequer frequentou um curso superior, apenas eu. Meus pais nunca foram de incentivar muito os estudos, acreditavam que, como eles, tínhamos que começar a trabalhar cedo para conquistarmos nossos objetivos, e que faculdade estava muito longe de nossa realidade. Eles nos ensinaram a lutar e batalhar para conquistarmos nossos ideais, mas não apoiavam aquilo que chamavam de “sonhar muito alto”.

Mesmo assim, sempre gostei de estudar e tinha muitas expectativas em relação a escola. Acho que já era da minha personalidade ou do meu temperamento ser bastante interessada em aprender. Não frequentei creche, mas iniciei meus estudos diretamente na antiga 1ª série, hoje primeiro ano do Ensino Fundamental. A escola era novinha, fazia pouco tempo que havia sido inaugurada (pois o bairro era novo), e eu estava muito empolgada. Lembro-me de ir ao centro da cidade comprar os materiais com minha mãe e encapar tudo com aqueles “plásticos” quadriculados que se usavam antigamente. Tinham várias cores. O meu era verde.

Eu tinha muitos sonhos, (tenho até hoje) e queria ser bancária quando crescesse. Parece uma profissão simples, mas para mim, que cheguei a passar necessidade e via minha mãe pegar restos de feira ou alimentos em ONG's e Centros Espíritas para nos sustentar, era algo bem acima da minha realidade.

Infelizmente, minha família era bem desestruturada, tanto financeiramente quanto emocionalmente. Meus pais brigavam muito, meu pai era alcoólatra (hoje não mais, faz 3 anos) e minha mãe era bem descontrolada e nos batia muito (ela faleceu em 2019). Para falar a verdade, não tenho boas recordações da minha infância e adolescência em relação a minha família. Mas posso dizer que consegui aproveitar bem minha infância (até os treze anos, antes de começar a trabalhar) em relação as minhas amizades. Tinha muitos amigos na vizinhança. Ficávamos na rua até escurecer e brincávamos de escolinha, pique-esconde, pique-pega, pular elástico, passa anel, de subir em árvores, fazer piquenique, andar de bicicleta e patins, contar

histórias de terror ao redor de uma fogueira, soltar pipa, jogar bolinha de gude (sim, eu brincava com brincadeiras ditas de meninos). Às vezes brincávamos com alguns jogos e brinquedos dentro de casa, e também jogávamos videogame (meu jogo preferido era Super Mário bros.). Gostava também de trocar papel de carta e assistir a desenhos animados (meus preferidos eram Pedra dos Sonhos, Ursinhos Carinhosos, Cavalo de fogo e Cavaleiros do Zodíaco).

Foi uma infância difícil, mas, ao mesmo tempo, com vários momentos de alegria e diversão.

2.1.2 Trajetória escolar: Da infância a adolescência

Quando iniciei meus estudos no primeiro ano da escola tive uma professora bastante rígida e agressiva, chamava-se D. Isabel. Uma senhora gordinha e atarracada, de cabelos brancos e curtos e óculos de grau. Não me recordo do meu primeiro dia de aula, mas essa minha primeira professora me marcou bastante de modo negativo. Ela nos colocava de castigo, puxava nossa orelha e os cabelinhos da nuca dos meninos e se exaltava constantemente. Não tinha muita paciência para ensinar. Por conta disso, e acompanhada da falta de incentivo em casa, eu me sentia burra, pensava que era incapaz. Mas foi no segundo ano que descobri o quanto na verdade eu tinha facilidade em aprender, porque a professora Eva, uma mulher jovem, doce, de cabelos castanhos ondulados, sem dúvida, fez total diferença na minha vida, tanto escolar quanto pessoal. Essa sim me marcou de um jeito tão intenso e positivo que faz diferença até hoje sobre o que penso sobre mim. Eu passava por muitos problemas em casa, e a professora Eva tinha para comigo o carinho, cuidado, incentivo e paciência que eu não tinha em casa. E foi a partir daí que posso dizer que comecei minha trajetória escolar de verdade. Nunca reprovei nenhum ano da escola, e nunca fiquei de “dependência” e nenhuma matéria da faculdade e hoje, aos 35 anos, estou cursando meu terceiro curso superior, esse que realmente é a minha paixão e que pretendo exercer com a mesma dedicação que a professora Eva exerceu!

Meu processo de alfabetização foi com a utilização de cartilha (não me lembro o nome). Lembro que cada página tinha uma letra diferente do alfabeto em destaque, seguida de um desenho, e abaixo suas variações (método silábico). Por exemplo: M, seguido do desenho de um macaco, e abaixo – ma, me, mi, mo, mu e vários outros exemplos de palavras com M. Tive um pouco de dificuldade no início para aprender a ler e escrever. Primeiro porque não frequentei a creche, segundo pela falta de incentivo e terceiro pela falta de didática e paciência da Professora Isabel. Mas no decorrer do ano fui conseguindo acompanhar as aulas e no segundo ano, me lembro de já conseguir ler e escrever textos muito bem.

Claro que tive outras experiências, positivas e negativas nos anos seguintes, como o professor Antônio, do quarto ano, que era tão calmo e paciente como a professora Eva, e nos ensinava até mesmo algumas palavras e expressões em italiano no finalzinho de suas aulas (eu me recordo delas até hoje). No sexto ano havia uma coordenadora muito próxima dos alunos, a D. Márcia, ela era muito atenciosa e nos ouvia e aconselhava com muito amor.

Lembro-me que tive bons professores, desde o Ensino Fundamental até o Ensino Médio. Com raras exceções de alguns professores sem muita didática e até mesmo sem muita vontade. Mas todos eles, no geral, ensinavam muito bem. O professor Carlos de ciências (no quinto ano) ensinava com muito senso de humor, nos levava sempre para o laboratório para estudarmos sobre os animais e sobre o corpo humano. No laboratório havia aquários com peixes, um boneco de um ser humano com todos os seus órgãos, um pôster de esqueleto, figuras muito vivas e coloridas dos animais, além de nos levar ao jardim da escola para estudar as plantas e insetos. Às vezes passava imagens no projetor, e às vezes assistíamos filmes também. As aulas eram bem instigantes.

Minha escola primária, como já mencionei, era bem novinha, com ótima infraestrutura. Pintura nova, carteiras e cadeiras bem cuidadas, biblioteca aconchegante e cheia de livros, quadra de futebol/handebol/vôlei e espaço gramado para convivência. Eu amava estudar lá. Era uma escola estadual de 1ª a 4ª série. Quando inaugurada chamava-se “Escola Jardim Marchesi”, que é o nome do bairro onde estava instalada. Após alguns meses foi renomeada como “Escola Estadual de Primeiro Grau (EEPG) Jesus Guilherme Giacomini”. O refeitório era muito limpo e organizado e a comida era muito boa. Era a chamada “cozinha piloto”, quando a comida já vinha pronta em grandes caixas térmicas, e as merendeiras apenas serviam.

Já a escola de 5ª a 8ª série (hoje EF II), “Escola Estadual Vicente Teodoro de Souza” era um pouco mais antiga, em bairro próximo. Mas possuía uma ótima infraestrutura também, com quadras, sala de informática, biblioteca e sala de vídeo. O meu lugar preferido era a biblioteca. Era muito bem iluminada, com grande variedade de livros. Muitas vezes eu passava o recreio por lá. Preferia a paz da biblioteca à gritaria e correria do pátio.

Na fase dos primeiros anos do Ensino Fundamental (de primeira a quarta série na época) havia muito respeito com os professores e auxiliares da escola, e muita disciplina e obediência. Cantávamos o hino nacional toda semana. Tínhamos muito respeito pelos professores, as salas eram silenciosas e, quando a diretora entrava na sala para dar algum recado ficávamos tensos, ela dizia: “bom dia”, e nós respondíamos “bom dia” em coro e escutávamos atentamente. Era um ensino baseado em uma pedagogia tradicional, professor transmissor e aluno receptor, o

qual não foi incentivado a indagar ou questionar qualquer conteúdo, aceitando-o de forma acrítica.

Mas a partir da quinta série, e com a mudança de escola, foi meio assustador para mim. Vários alunos mais velhos (repetentes), sem educação, mal-educados, brigas na saída, discussões dentro da sala de aula, mas, ainda assim, pelo menos o professor chamava o inspetor e colocava o aluno para fora da sala, de castigo na diretoria, ou ligava para os pais buscarem, o que sabemos que, infelizmente, não acontece mais nas escolas hoje em dia, pois os alunos não aceitam as repreensões, e enfrentam e até agridem os professores. Triste realidade.

Em toda minha trajetória escolar sempre achei normal o tipo de aprendizagem e de avaliação aplicada, através de provas (às vezes de múltipla escolha, às vezes de forma discursiva). Não se falava muito, como hoje, sobre uma forma mais prazerosa e lúdica de ensinar e avaliar, então, para mim, fazia todo o sentido os métodos utilizados, pois não conhecia outra forma que pudesse ser feito.

Nesse contexto, SILVA e RESENDE (2020, p. 31) afirmam:

(...) o brincar, como elemento da cultura, é uma das atividades potencializadoras do desenvolvimento infantil e como tal deve ser tomado como um dos principais eixos para a constituição das relações, reflexões e prática social junto às crianças.

A disciplina que eu mais gostava era Inglês (amo até hoje). A professora Elis sempre me elogiava e dizia que eu tinha muita facilidade nessa matéria. A disciplina que menos gostava era Matemática. Eu tinha (e tenho) uma certa dificuldade com cálculos.

Minha família (pais e irmãos) não eram muito participativos em minha vida escolar. Todas as minhas conquistas são frutos de meu próprio esforço, pois meus pais e irmãos mais velhos trabalhavam e não tinham tempo de me acompanhar nas tarefas. E mesmo se tivessem, não possuíam também muito conhecimento para me auxiliar. Claro que tive alguns fracassos, mas eu os enfrentava, muitas vezes, sozinha também.

Sempre me dei muito bem com meus colegas de escola, mas sempre tive mais facilidade em ter amizade com meninos do que com meninas (é assim até hoje). Tenho muitas lembranças dessa época de escola, mas uma das mais bonitas, é de um festival da primavera que a escola realizou quando eu estava na 4ª série. Trabalhamos bastante para enfeitar toda a escola. Teve desfile (entre os alunos) para eleger o rei e rainha da primavera (1º lugar) e príncipe e princesa da primavera (2º lugar), com faixa, coroa e tudo mais. Várias barraquinhas com comidas e bebidas, barracas de jogos e brincadeiras, e muitas mesinhas e cadeiras para que todas as famílias pudessem comparecer. Foi um festival muito lindo e um momento muito gostoso com minha família. Não tenho recordações tristes da escola. Como eu disse, eu amava estudar e ir à

escola. A única coisa triste foi quando cheguei a oitava série (hoje nono ano) e tive que mudar de escola. A Secretaria da Educação é quem nos encaminhava para o colégio de Ensino Médio. E fui encaminhada para um colégio com uma fama muito ruim. Chorei muito. Reclamei para minha mãe que não queria estudar lá, mas em alguma outra escola fora do bairro, no centro da cidade. Ela disse que não tinha tempo de ver isso para mim, pois trabalhava muito. Então eu mesma fui “batendo” de escola em escola procurando vaga, e graças a Deus, encontrei em uma delas.

2.1.3 Os desafios do Ensino Médio

Fiz o 2º grau (hoje Ensino Médio) em uma escola considerada muito boa na cidade. Escola Estadual Cônego Barros. A transição foi um pouco complicada, pois, por ser uma escola distante do meu bairro, não tinha nenhum amigo ou conhecido. Tive que fazer novos amigos. Porém, fiz ótimos amigos, e com vários deles convivo até hoje. Além disso, tive que me matricular a noite, pois havia começado a trabalhar em uma pequena salgaderia como atendente e também fazia a limpeza do local. Senti muito a diferença de ensino, pois o ensino a noite é “mais fraco” do que o ensino nos períodos da manhã e tarde. Os professores não exigem muito dos alunos por trabalharem durante o dia. Eu também me sentia cansada nas aulas, e logo passei a compreender o porquê da diferença.

Nessa fase, as matérias que eu mais gostava eram Química e Biologia. O professor Fausto de Biologia era muito bom, ensinava muito bem, de um jeito claro e simples e com muito bom humor e paciência. O professor João Luís, de Matemática, era esplêndido, ensinava de um jeito que ficava fácil compreender, com clareza, e tinha paciência para sanar as dúvidas dos alunos. Havia também uma professora chamada Maria Teresa, de Geografia, que me elogiava tanto, dizia que eu era aluna para Universidade Pública, eu pensava: “quem me dera”. Mas o fato de ela acreditar em mim me ajudou também ter mais confiança em mim mesma, e hoje estou exatamente onde ela disse que eu estaria.

Minha principal dificuldade nessa etapa, era ter que trabalhar e estudar. Eu me sentia cansada e várias vezes me sentava no fundo da sala e dormia apoiada na carteira. Tenho várias lembranças dessa fase. Mas a melhor lembrança com certeza é a formatura. Foi muito boa. Já a lembrança mais triste, na verdade, a mais constrangedora, foi quando, no primeiro ano do Ensino Médio, briguei com a inspetora de alunos. Eu estava muito cansada do trabalho aquele dia, e ao invés de entrar na aula, entrei em uma sala vazia para dormir. A inspetora ao passar pelo corredor me viu na sala, entrou abruptamente já gritando: “menina, tá louca, você não pode

ficar aqui, vai pra sua sala”. Tomei o maior susto. Fiquei com muita raiva na hora e a ofendi bastante. Então ela me levou para diretoria e disse que ia ligar para os meus pais. Aí fiquei mais irritada ainda. Na verdade, fiquei cega de raiva, porque sempre fui estudiosa e nunca dei trabalho para os meus pais. Achei um absurdo (na época) aquele estardalhaço todo só porque eu estava dormindo. Então quando vi já tinha ido para cima dela para dar um tapa, mas a coordenadora me segurou, e acabei só “relando” nos óculos dela. Ela ficou inconformada com minha atitude e chamou a “ronda escolar” para mim. Chorei muito e fiquei com muita vergonha por ter me descontrolado daquele jeito. Meu irmão mais velho foi me buscar e me levou para casa. Graças a Deus meus pais entenderam a situação e eu não “apanhei”. Nesse sentido podemos refletir sobre a falta de preparo dos professores e funcionários para lidar com situações como essas. Não me eximo de minha culpa, realmente eu não deveria estar fora da sala de aula, Mas apenas hoje, com maior maturidade compreendo isso. Na época era apenas uma adolescente, com vários conflitos internos, e a escola precisa estar preparada para lidar com esses alunos. A situação teria sido completamente diferente se a inspetora tivesse entrado na sala e me acordado calmamente dizendo: “querida, não pode ficar aqui. Você está se sentindo bem? Quer que ligue para alguém vir te buscar? Caso contrário precisa entrar na sala de aula.” Essa situação só demonstra o quanto as escolas estão despreparadas para lidarem com aluno de forma completa, a fim de auxiliar em seu total desenvolvimento, em todas as áreas.

Em relação ao processo de aprendizagem do colégio, achava um pouco fraco em relação as escolas anteriores que eu tinha frequentado. Se resumia em aulas teóricas (escritas na lousa ou ditadas), provas e trabalhos em grupo em sala de aula. Não havia trabalhos para casa (por ser ensino noturno) e não havia projetos, feiras e eventos. Também não usávamos a sala de informática e nem a biblioteca, pois não funcionavam a noite. Além, também, de não termos Educação Física, que não era disciplina obrigatória para o curso noturno. O fato de o ensino noturno ser bem mais brando que o ensino diurno, com menos conteúdo e menor quantidade de atividades até se justifica pelo fato de os alunos trabalharem durante o dia. Porém, o ensino poderia ser mais dinâmico e interessante, e não apenas mera reprodução de textos e aulas expositivas maçantes.

Também nessa fase, minha família não participava muito no acompanhamento dos meus estudos, pelos mesmos motivos anteriores.

A essa altura de minha vida, não tinha muita esperança em cursar uma faculdade, pois meus pais não tinham condições de pagar e tampouco eu possuía capacidade para entrar em uma universidade pública (pensava eu). Mesmo assim, ainda tinha o sonho de fazer uma faculdade,

só que agora não queria mais ser bancária, queria ser professora. Porém, diante das dificuldades, não foi possível naquele momento.

Assim, mesmo sem incentivo, desde a infância, acreditava que podia sonhar mais alto, e sofreu muito preconceito por isso em casa. Era chamada por minha mãe de sonhadora, metida, que queria ser melhor que os outros, que me achava melhor que meus irmãos. Ainda assim, não desisti. Comecei a trabalhar aos treze anos para ajudar em casa, mas sempre acreditando que poderia alcançar algo melhor, e alcancei! Com o esforço do meu trabalho e com a ajuda de Deus fui alcançando aos poucos meus objetivos.

2.1.4 Entrada na vida acadêmica e a escolha do curso de Pedagogia

Na infância, como dito anteriormente, meu sonho era ser bancária, pois achava bonito e elegante como as bancárias se vestiam, e também achava chique o ambiente de trabalho, bem iluminado, organizado, com computadores e ar-condicionado. Porém, na adolescência, mais especificamente aos 17 anos, comecei a me envolver nas atividades da igreja católica que eu frequentava. Uma dessas atividades era o trabalho voluntários como Catequista. Comecei com uma turma de crianças pequenas, e os acompanhei por 3 anos, até a primeira comunhão. Foi em razão dessa experiência que me apaixonei pela docência. Eu era muito querida entre os alunos e também entre os demais catequistas. Todos diziam que eu realmente tinha essa vocação. Nas reuniões de pais quando eu falava bem das crianças algumas mães até diziam: “Nossa, que diferença de comportamento. Me dá umas dicas porque lá em casa ele não é assim não”. Até minha mãe dizia que eu deveria ser professora, que eu “levava jeito”. E eu realmente fazia com muito amor.

Ainda no Ensino Médio, consegui um trabalho como estagiária da AJURP (Associação Educacional da Juventude de Ribeirão Preto) no Centro Universitário Moura Lacerda, no setor Jurídico. Assim, em contato com um Centro Universitário, reacendeu em mim a esperança de conseguir cursar o ensino superior. Porém, como estagiária, eu não ganhava o suficiente para pagar uma graduação. Então iniciei um “curso sequencial”(curso superior de 2 anos) nessa faculdade onde eu trabalhava. Até mesmo para continuar estagiando, pois estava concluindo o 3º ano do Ensino Médio, e seria dispensada caso não continuasse estudando. O dono do Centro Universitário me deu 50% de desconto nas mensalidades. Assim, cursei minha primeira Graduação em Gestão de Negócios. Nesse período, mudei de igreja, comecei a frequentar uma evangélica, da qual faço parte até hoje, e continuei dando aulas no ministério infantil para crianças de 5 e 6 anos.

Após 1 ano e meio de estágio no Centro Universitário e prestes a me formar novamente, fui efetivada como auxiliar administrativo no departamento jurídico da faculdade, e tive então a chance de escolher qualquer curso que eles ofereciam, pois todo funcionário tinha direito a uma bolsa de estudos. Mas, infelizmente, por influência de amigos, do pessoal do trabalho e para provar à minha família (principalmente à minha mãe) que eu seria muito mais do que eles achavam que eu não seria (e porque não dizer até mesmo por uma certa arrogância), escolhi o curso de Direito, pelo status, pela possibilidade de ser alguém muito melhor e por já estar trabalhando na área (Departamento Jurídico da faculdade).

Terminei o curso em 2010, passei no exame da Ordem e fui advogar. Detestei. Estudei muitos anos para concursos públicos, mas mesmo com as aprovações, não ficava bem classificada e acabava não sendo convocada. Cheguei até a passar em um concurso para Escrivã da Polícia Civil. Foram 5 fases, passei nas 4 primeiras, mas 2 semanas antes de prestar a última fase (prova física) acabei torcendo o joelho enquanto treinava e rompi os ligamentos, precisando ser submetida a uma cirurgia. Mesmo assim, antes de fazer a cirurgia, tentei prestar a prova mesmo com os ligamentos rompidos. Fui até a ACADEPOL (Academia de Polícia) em São Paulo e realizei a prova. Consegui passar nas provas de resistência física, mas na corrida, não consegui completar o percurso por causa do joelho lesionado. Foi por pouco. Chorei muito e passei por um período de depressão. Me sentia perdida profissionalmente. Não sabia o que fazer.

Após anos de angústia e insatisfação pensei, por que não? Por que não largar tudo e recomeçar? Foi o que fiz, sempre com o apoio de meu marido, o qual é meu porto seguro, inativei minha inscrição na OAB, voltei a trabalhar na área administrativa, me reinventei, e fui em busca do meu sonho adormecido. Escolhi a UFU para cursar Pedagogia por indicação de uma prima do meu marido que mora em Igarapava. Conversando com ela sobre meu sonho, mas a dificuldade de pagar por um outro curso agora nessa fase da vida, casada, com várias contas, e também a questão de ter que frequentar todos os dias a faculdade, além de trabalhar e cuidar da casa, ela me disse da possibilidade de fazer o curso na modalidade EAD e sem custo, pois a Universidade Federal de Uberlândia oferecia essa possibilidade. Assim, consegui entrar na UFU, e me sinto muito feliz e realizada por ter retomado esse sonho.

Tive muito apoio do meu marido (como sempre), e também dos meus pais e irmãos. Eles ficaram muito felizes em saber que eu havia retomado essa ideia, pois acreditavam que era essa a minha vocação desde o começo. E eu concordo com eles. Assim, retomei os planos de, um dia, me tornar professora.

Escolhi essa profissão porque acredito, até mesmo pela minha experiência como professora nas igrejas, que posso fazer a diferença na vida desses alunos. Inclusive, acredito que seja esse o sentido da docência. Fazer a diferença na vida dos alunos através da educação. Fazê-los acreditar que são capazes, inteligentes e que podem mudar o mundo se quiserem. E que não são uns “imprestáveis”, burros e sem futuro que, muitas vezes, suas próprias famílias e a sociedade querem fazê-los acreditar que são. Me inspiro na professora Eva (como já explicado anteriormente) para seguir essa profissão. Assim como ela fez diferença em minha vida, quero também inspirar meus alunos a serem melhores e construírem seus conhecimentos com autonomia. Quero ser uma professora dedicada, paciente, amorosa, compreensiva, mas também firme quando necessário. Quero poder perceber aqueles alunos que possuem mais dificuldades e auxiliá-los sem julgá-los. Quero ensinar de modo a incentivá-los a pensar por si mesmos, a ter uma mente aberta, serem curiosos e críticos. E não “robozinhos” que apenas obedecem sem questionar. Quero ensinar para a vida, e não para “passarem de ano”, ou no vestibular. Assim que pretendo ser.

Nesse sentido, Paulo Freire destaca:

“(..) ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento”. (FREIRE, 1996, pag. 25).

Acredito que o docente possui um papel fundamental na formação do caráter, personalidade e um pensamento reflexivo dos alunos, muito mais do que apenas ensinar disciplinas específicas e o modo como o professor trata seus alunos e conduz uma aula pode marcá-los para sempre, como aconteceu comigo. Penso que um bom professor é aquele que se importa com os impactos que sua forma de tratar os alunos pode causar a eles, que procura estar atento às dificuldades e limitações de cada um, dando atenção para aqueles que mais precisam e que não possuem tanta facilidade em aprender. Aquele que encoraja seus alunos, e faz a sua parte, mesmo que, muitas vezes, esse aluno não tenha a menor vontade de aprender ou mesmo de estar ali.

Isto é, nas palavras de Freire:

“(...) apoiar o educando para que ele mesmo vença suas dificuldades na compreensão ou na inteligência do objeto e para que sua curiosidade, compensada e gratificada pelo êxito da compreensão alcançada, seja

mantida e, assim, estimulada a continuar a busca permanente que o processo de conhecer implica.” (FREIRE, 1996. pag.61)

Claro que existem enormes barreiras a serem derrubadas no dia a dia escolar, como até mesmo enfrentar xingamentos e agressões. Por isso, acredito que um bom professor é também aquele que sabe ser firme quando necessário.

2.1.5 Trajetória na área da educação: O curso de Pedagogia e a docência em construção

O curso de Pedagogia tem me proporcionado muita satisfação e, a cada dia, a cada aprendizado, a cada descoberta, tenho mais convicção de que fiz a escolha certa. É, de fato, minha paixão e vocação. Entretanto, não sou mais uma jovem que mora com os pais, tenho minha casa e uma bebê para cuidar, e às vezes acho que não vou “dar conta” de tudo.

No início do curso, em 2018, foi bem complicado para mim, pois, além de cuidar da minha casa, tinha um emprego bastante estressante. Trabalhava muito, sem distrações, pois meu cargo exigia concentração e ininterruptão (administrativo-financeiro) e, muitas vezes, nem mesmo fazia horário de almoço. Além disso, trabalhava aos domingos como fiscal de provas em concursos, e às vezes aos sábados, como recepcionista em eventos e formaturas. Fazia também um curso de inglês todas às terças à noite. Ou seja, tinha pouco tempo para estudar e realizar as atividades da faculdade, considerando também a quantidade de matéria e atividades que o curso exige. Se não bastasse isso, tive uma crise no meu casamento nesse mesmo ano, e quase desisti do curso, pois não conseguia me concentrar nos estudos. No final de 2018, já com o casamento em ordem, mudei de setor no trabalho, terminei o inglês, e consegui me organizar melhor. Em 2019, já mais organizada, pensei em relação ao curso: “agora vai”, mas em maio, perdi minha mãe de uma maneira trágica e inesperada. Fiquei muito abalada, meu rendimento no trabalho caiu e fui demitida. Desempregada e passando pela dor da perda pensei mais uma vez em desistir do curso. Mas “aos trancos e barrancos”, continuei cursando.

Em 2020 comecei o ano animada, estava estagiando em uma escola maravilhosa, tudo certo na vida pessoal e várias expectativas em relação ao curso. Mas em março veio a pandemia de Corona vírus e mudou tudo. Em junho a escola desligou todas as estagiárias, ficando apenas com professoras e auxiliares trabalhando de forma remota. Fiquei bastante chateada, mas não pensei em desistir do curso. Porém, o próprio curso mudou todo o formato das disciplinas de estágio, e isso me desanimou bastante, mas a universidade não tinha outra escolha, em razão da pandemia. Ainda, em setembro, descobri que estava grávida. Foi a melhor notícia da minha

vida! Estava tentando engravidar há mais de 2 anos e finalmente havia chegado o momento. Entretanto, os 3 primeiros meses foram bem complicados. Sentia muito sono, enjoos e crises de enxaqueca. Então, mais uma vez, quase abandonei o curso, por não conseguir realizar todas as atividades.

O mesmo aconteceu no início do presente ano, na reta final da gravidez e no pós-parto. Mas graças a Deus consegui concluir o penúltimo semestre e agora, na reta final do curso, nesse último semestre, apesar de cansada em razão da maternidade recente, e também sem muito tempo, pois um bebê demanda muita atenção, estou empolgada para o término do curso, e me dedicando muito.

No mais, sabemos que a realidade escolar é um pouquinho diferente da teoria aprendida na faculdade. Para ser pedagogo não basta apenas ter vocação, mas é preciso ter muita força de vontade, conhecimentos necessários à docência e disposição para lidar com as dificuldades do dia a dia escolar.

Como já dito, fui professora de escola bíblica desde os 17 anos até os meus 32 anos (2018). E, mesmo sendo aulas na igreja, já passei por experiências difíceis com as crianças em relação a indisciplina, problemas familiares, problemas emocionais, dificuldade de aprendizagem, etc. Essas experiências me ajudaram tanto na faculdade quanto nos estágios remunerados que realizei.

Meu primeiro contato com a experiência escolar, de fato, foi em agosto de 2019, logo após a perda da minha mãe e a demissão do emprego. Comecei a estagiar em uma escolinha do bairro, no berçário. Lá, por ser pequena, não se dividia em berçário I e II. Então eu tinha 9 alunos, com idades de 6 meses a 2 anos. Ou seja, era muito difícil realizar as atividades com as crianças maiores por causa das crianças menores que demandavam mais atenção e muitas vezes ficavam chorando. Foi bem cansativo e ao mesmo tempo muito enriquecedor poder conhecer esse universo dos bebês na prática. O problema é que eu atuava como professora e não como auxiliar, isto é, eu assumi a sala sozinha, com 9 bebês, sem ajuda e sem experiência nenhuma. Assim, fiquei na escola apenas por 1 mês e meio, até conseguir estágio em outra escola. Além de minhas dificuldades enquanto professora, achei a escola muito desorganizada e descuidada em relação a sua infraestrutura e a limpeza.

Em setembro, comecei um novo estágio em um colégio maior. Minha função era mais de recreadora e professora de reforço, no período da tarde, para as crianças que ficavam no colégio em período integral, do Jardim II ao 5º ano. Ou seja, de manhã frequentavam as aulas regulares e a tarde faziam tarefas e atividades de reforço, e também brincavam no playground, no pátio, nas quadras, na sala de informática, etc. Foi muito boa essa experiência, pois eu tinha que

pesquisar atividades de fixação e também sobre jogos e brincadeiras para desenvolver com as crianças, de acordo com cada faixa etária.

Eu separava as crianças por idade aproximada, do jardim I ao 2º ano em uma turma, 3º ano outra turma e de 4º a 5º ano outra turma. Montei um cronograma para cada turma para me organizar melhor. Por exemplo, das 13h às 14h realizava brincadeiras dirigidas com a turma dos pequenos, enquanto o 3º ano jogava queimada na quadra e a turma dos maiores faziam as tarefas ou reforço. Tinha que me desdobrar. Ficava um pouco com os pequenos, depois dizia para eles continuarem a brincadeira que eu já voltava. Passava pela quadra, dava uma olhada nos alunos, conversava com eles. Depois ia para a sala dos maiores, orientar e tirar dúvidas. Voltava para turma dos menores, depois para os maiores outra vez. Intervinha para resolver algum conflito aqui e ali. Enfim, não parava um minuto. Mas eu gostava. Foi uma experiência muito rica.

Um mês depois, a diretora me propôs trabalhar também no período da manhã, para assumir uma turma de berçário II (de 1 a 2 anos). Aceitei o desafio. Foi muito boa também essa experiência. Pesquisar e desenvolver atividades com essas crianças agregou muito valor a minha experiência como professora. Eu também realizava os cuidados básicos como troca de fraldas, banho, lanche, soneca, almoço e escovação dos dentinhos. O que agregou muito valor também até em minha futura experiência como mãe.

Nesse estágio, diferente do primeiro, eu tinha a orientação da coordenadora do Ensino Infantil, que me explicou sobre os campos de experiência da BNCC para a Educação Infantil, e me deu várias dicas para a elaboração de atividades compreendendo esses campos. Além disso, a escola era muito bem estruturada, salas de aulas amplas, com diversos materiais e brinquedos. Eu amava aquelas crianças, minha turminha, a turminha da Tia Sil. Trabalhava, então, das 7h a 12h no berçário e da 13h a 18h no integral. E a noite estudava. Era cansativo, mas muito gostoso. Porém, a diretora tinha um pensamento muito retrógrado e ultrapassado. Na verdade, ela nem era formada na área da educação. Era engenheira de formação, que comprou uma escola há muitos anos e vinha gerindo-a até então. Assim, ela começou a “implicar” com meus métodos de ensino. Reclamava que as crianças corriam e gritavam demais, e que eu dava muita liberdade a elas. Percebi que ela não compreendia o papel da educação e nem as suas concepções de crianças e de infância coincidiam com aquilo que a educação atual requer dos sujeitos, criatividade, liberdade, autonomia.

Infelizmente, o que vemos na maioria das escolas são crianças trancafiadas em seu interior como se estivessem em presídios. Crianças que não podem correr e brincar porque é considerado indisciplina. Crianças que devem ficar sentadas por horas dentro de uma sala de

aula sem poder conversar com o colega do lado. Crianças “robotizadas”. Enfim, crianças que não podem ser crianças.

Até conversei com ela e expliquei que os métodos de ensino estão diferentes agora, e que tínhamos que escolher as melhores estratégias para o desenvolvimento das crianças. Mas não houve acordo. Bom, como a escola é dela, tive que respeitar seu pensamento. Então fiquei apenas até o final de dezembro, quando a escola entrou de férias, depois, com um pesar enorme, encerrei o estágio. “Modéstia à parte”, meus alunos me adoravam, e foi uma tristeza só quando tive que sair. Ganhei muitos presentinhos de despedida. Me emocionei bastante. Era também muito querida por minhas colegas de trabalho, que organizaram um *happy hour* de despedida para mim.

Como eu já havia decidido que ficaria no estágio apenas até o fim do ano, comecei a procurar estágio em outras escolas, e consegui uma oportunidade em uma escola maravilhosa, uma das melhores aqui de Ribeirão Preto, o Colégio Ideal. Nem acreditei. Fiquei super ansiosa para começar, e receosa também. Em janeiro de 2020 comecei a estagiar nesse colégio. Realmente não havia do que eu reclamar. A escola é ótima, excelente infraestrutura, metodologia de ensino com foco no aluno, espaços amplos e gramados para as crianças usufruírem, grande variedade de materiais e brinquedos, professoras amáveis e comprometidas, coordenadora muito participativa e cuidadosa ao dar *feedback*, salários justos, muita valorização dos professores e, até o dono do Colégio é uma pessoa muito empática e acessível. Fui assistente de sala na turma do jardim II. Fiquei completamente apaixonada com essa experiência. Minha intenção era permanecer no colégio por muitos e muitos anos, ser contratada como assistente ao me formar, e depois como professora. Porém, em razão da pandemia, em março começamos com as aulas remotas e, em junho, como corte de gastos em razão da grande evasão escolar na Educação Infantil, todas as estagiárias foram dispensadas. A coordenadora chorou ao me dar a notícia, eu chorei ao receber e a professora que eu auxiliava chorou mais que nós duas juntas. Sem falar nas outras estagiárias (minhas amigas) todas também muito chateadas com nossa situação. Ou seja, foi uma choradeira só. Mas fazer o que. Temos que seguir em frente.

Infelizmente, depois disso, não consegui mais estágios, em razão das medidas restritivas e o fechamentos das escolas e, posteriormente, por causa da gravidez.

De qualquer forma, não tenho dúvida de que dessa vez fiz a escolha certa em relação a escolha de minha profissão. A realização dos estágios apenas confirmou isso. Tenho certeza de que é isso o quero para a minha vida. Atuar como docente na Educação Infantil. Minha evolução

no curso também corrobora esse pensamento. Acredito ter evoluído muito desde o início do curso, principalmente em razão dos estágios.

Ao longo do curso, acredito ter mudado muito o meu modo de pensar, em relação a educação, métodos de ensino, dificuldades dos alunos, importância da participação das famílias na escola, teorias e correntes filosóficas, política, etc. Posso dizer que hoje, graças ao curso, possuo uma compreensão melhor de mundo.

Para mim, de modo geral, o curso foi e tem sido muito bom, de ótima qualidade em relação aos conteúdos ministrados e aos professores ministrantes. Apenas em relação ao sistema informatizado que tenho o que reclamar. Muita desorganização na realização das provas on-line e também em relação a algumas provas mal elaboradas.

Antes de iniciar o curso eu tinha uma ideia um tanto equivocada de como ele seria. Eu pensava que os professores dariam exemplos de vários planos de aulas a serem executados, ideias de atividades, como se fossem “receitas prontas”. Mas me surpreendi quando percebi que o curso é bem mais subjetivo. No começo me decepcionei, mas aos poucos fui percebendo que o curso foi ótimo, ele nos orienta e embasa de forma geral para que possamos trilhar nosso próprio caminho e desenvolver nossos próprios métodos de ensino.

No geral, minha relação com as tutoras, professores e coordenadora foi bem tranquila, sem nenhum tipo de desentendimento. Entretanto, uma relação distante, assim também com meus colegas de curso, pois tenho certa dificuldade em pedir ajuda e de trabalhar em equipe, sou um tanto individualista. De todo modo, fiz ótima amizade com uma colega de curso que também mora aqui em Ribeirão Preto, a Thaís. Inclusive, ela é minha dupla no presente trabalho.

Destaco as disciplinas que, para mim, foram as mais importantes: Currículos e Culturas, por demonstrar a importância da formulação de um bom currículo e como essa formulação, infelizmente, é definida pelo sistema, de forma parcial e de acordo com sua ideologia, nos levando a refletir sobre como precisamos melhorar os currículos escolares; Educação Infantil, por apresentar vários exemplos práticos e um excelente embasamento teórico de como trabalhar com o Ensino Infantil; e Psicologia da Educação, que apresentou e esclareceu como funciona o psicológico dos alunos, as fases, os distúrbios de aprendizagem e como lidar com essas questões.

Dentre tantas disciplinas e temas diferentes discutidos ao longo do curso, como já dito, um dos temas que mais me chamou a atenção foi a musicalização na Educação Infantil. Por isso escolhi esse tema para me aprofundar um pouco mais sobre o assunto nesse trabalho de conclusão de curso.

Escolhi essa temática após estagiar em algumas escolas e perceber o quanto a musicalização auxilia no desenvolvimento dos mais diversos aspectos da criança e, ao mesmo tempo, o quanto as escolas não valorizam esse tema e não o desenvolvem da forma correta. Muitas escolas dizem possuir a musicalização em sua grade curricular, porém, desenvolvem de qualquer jeito (vivenciei isso na prática), apenas colocando algumas musiquinhas para as crianças ouvirem ou fornecendo algum instrumento (violinha, tamborzinho) sem trabalhar, de fato, com atividades pedagógicas que desenvolvam as potencialidades das crianças.

Por isso o interesse nessa temática, para demonstrar a importância da musicalização no desenvolvimento e no processo de aprendizagem das crianças, uma vez que a musicalização na educação infantil traz à tona a ludicidade e aperfeiçoa o conhecimento, a socialização, a inteligência, a expressão, a coordenação motora, a percepção sonora e espacial, entre outros. Nas palavras de Brito (2003): “...um trabalho pedagógico-musical deve se realizar em contextos educativos que entendam a música como processo contínuo de construção, que envolve perceber, sentir, experimentar, imitar, criar e refletir” (BRITO, 2003, p. 46).

Assim, em razão de minha experiência, pretendo ser professora atuante em sala de aula, na área da Educação Infantil, pois acredito ser de suma importância o desenvolvimento das mais diversas habilidades da criança nessa fase. Fase esta onde as crianças possuem mais facilidade em aprender e absorver conhecimentos, criando e ressignificando suas próprias hipóteses e possibilitando melhor desenvolvimento em todas as áreas.

Inclusive, hoje, na reta final do curso de Pedagogia, consigo compreender a importância também dos jogos e brincadeiras na Educação Infantil. Relembrando de minha infância, percebo como cada uma das brincadeiras e experiências que tive serviram de aprendizado e auxiliaram em meu desenvolvimento, desde jogar bolinha de gude que auxilia no desenvolvimento da coordenação motora a andar de patins que ajuda a desenvolver o equilíbrio, e até alguns jogos, como o jogo da memória, que estimula a memória e o raciocínio.

2.2 A musicalização como instrumento mediador da aprendizagem e do desenvolvimento na educação infantil

2.2.1. Concepção de Infância e a Educação Infantil

Antes de nos aprofundarmos sobre a temática proposta, é imperioso discorrer sobre como a concepção de infância foi se modificando ao longo da história e o conceito de infância que temos hoje, o qual influencia diretamente sobre a forma como a Educação Infantil é

reconhecida atualmente, bem como na criação de leis e decretos que a regulamentam, e também nas metodologias e práticas pedagógicas existentes nas escolas.

A história nos mostra que a infância, até o século XII, durante o período medieval, era ignorada e ocultada na vida do indivíduo. Áries (1981, p. 156) ressalta que “na sociedade medieval a criança a partir do momento em que passava a agir sem solicitude de sua mãe, ingressava na sociedade dos adultos e não se distinguia mais destes”. Ou seja, as crianças eram consideradas como adultos em miniatura, não se dava atenção às singularidades do mundo infantil, sendo vestidas e expostas aos mesmos costumes dos adultos. Elas não tinham um tratamento diferenciado e não havia, neste período, o que conhecemos como sentimento de infância.

Segundo Veyne (1989), na Roma antiga, durante este período, a contracepção, o aborto, o abandono e a morte de crianças eram atitudes corriqueiras e consideradas legítimas, sendo que as crianças abandonadas raramente sobreviviam, pois, o nascimento de uma criança “não era apenas um fato biológico”, mas também um fato de aceitação paterna. Se o pai não o aceitasse, a criança era abandonada ou assassinada. O abandono dos filhos tinha como causa principal a miséria de uns e a política patrimonial de outros. Contudo, mesmo os mais ricos podiam rejeitar um filho indesejado cujo nascimento pudesse atrapalhar as disposições testamentárias já estabelecidas.

Assim, foi apenas a partir do fim do século XVII, após anos de uma infância negligenciada, que surgiu a ideia da instituição escolar, o qual passou a ser a responsável pela educação dessas crianças. Diferentemente de outrora, onde a própria família era responsável pela educação de seus filhos. Segundo, Ariès (1981), a criança deixou de ser misturada aos adultos para passar por um processo de enclausuramento, diretamente relacionado a escolarização.

Nesse sentido, a partir do século XVIII, a infância começa a ser considerada uma fase distinta do desenvolvimento humano, com suas próprias particularidades. Essa transformação ocorreu devido à propagação de novos pensamentos e condutas da Igreja Católica. Segundo Ariès (1981), é neste cenário que emerge o sentimento de infância. Assim, a criança passa a ser o centro da família para ser amada e educada. Essa transformação implicou em se planejar os nascimentos, pois os pais passaram a se sentir responsáveis pelo futuro da criança. Gélis (1991) aponta que, nesse momento, a infância é identificada com características próprias, a criança é considerada como indivíduo que vive em um mundo infantil próprio. Nos dias atuais, vemos os reflexos de todas essas transformações que aconteceram no decorrer da história da infância, pois essa fase da vida foi sendo cada vez mais estudada.

De acordo com Vigotsky (1991), atualmente, a criança é considerada como um ser histórico-cultural e social, pois sua aprendizagem se dá através de interações com o meio social. O autor afirma que a criança é um ser competente, que tem suas próprias necessidades e seu modo de pensar e agir. Segundo Vigotsky (1998), a criança é um ser social e faz parte de um contexto macrossocial. A partir dessa afirmação, Vigotsky (1998) enfatiza que as pessoas são constituídas pela relação das esferas biológica e sócio-cultural. A esfera biológica, ou funções elementares, contempla características biologicamente definidas para todas as pessoas, enquanto as da esfera sócio-cultural, ou funções superiores, está diretamente ligada aos aspectos do comportamento humano, apreendidos a partir da relação e mediação estabelecidas pelas pessoas, por meio da linguagem.

Essa concepção de infância aqui considerada foi sendo constituída historicamente pelas condições socioculturais. Partindo desse princípio, ponderamos que as características da infância mudam com o tempo e com os diferentes contextos sociais, econômicos, geográficos, modificando, até mesmo, as peculiaridades individuais da criança na sua relação com a sociedade.

Portanto, observa-se que diferentes fatores interferem neste processo, sejam eles sociais, econômicos, culturais e até mesmo políticos.

Diferente de Vigotsky (1991), Piaget (1971) enfatizou que o desenvolvimento da criança ocorre de acordo com sua maturação biológica, ou seja, que os fatores internos preponderam sobre os externos, postulando que o desenvolvimento segue uma sequência fixa e universal de estágios. De acordo com Moreira (1999), Piaget acredita que os conhecimentos são elaborados espontaneamente pela criança, conforme o estágio de desenvolvimento em que esta se encontra. Além disso, o autor destaca que Piaget acreditava que a aprendizagem se subordina ao desenvolvimento natural da criança, minimizando, assim, o papel da interação social. Enquanto Vigotsky, ao contrário, postula que desenvolvimento e aprendizagem são processos que se influenciam reciprocamente, de modo que, quanto mais aprendizagem, mais desenvolvimento. No entanto, apesar das diferentes concepções de Piaget e Vigotsky sobre o desenvolvimento humano, ambos tiveram grande influência na compreensão dessa fase, a infância.

A educação escolar, processo intrinsecamente relacionado ao desenvolvimento infantil, por lei, é um direito garantido a todos, sem qualquer forma de exclusão. O Art. 29 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/1996), estabelece que a Educação Infantil é a primeira etapa da educação básica e tem como objetivo promover o desenvolvimento integral das crianças até 5 anos de idade, considerando seus aspectos físico, psicológico,

intelectual e social. Essa etapa, até a promulgação da referida lei, era negligenciada no Brasil, pois, conforme Rosemberg *et. al.* (2001) antes disso, o oferecimento da Educação Infantil acontecia em creches, para crianças de zero a três anos (mantidas pelas secretarias de assistência social), e pré-escolas, para crianças de quatro a seis anos (mantidas pelas secretarias de educação). Nas creches, os atendimentos visavam apenas o cuidado com a alimentação, higiene e outras necessidades básicas. Os profissionais que atuavam nesses contextos não dispunham de uma formação específica e recebiam diferentes denominações: pajem, babá, auxiliar de creche. Nas pré-escolas, os atendimentos tinham enfoque educativo e a formação dos profissionais era de nível médio.

Ao ser definida como parte integrante da Educação Básica, a Educação Infantil assume uma nova configuração, articulando o cuidar e o educar, considerados aspectos indissociáveis no cotidiano da criança. Tal mudança implicou também na redefinição da natureza pedagógica das instituições infantis (creches e pré-escolas).

Neste sentido, Kuhlmann Jr (2007) afirma:

A caracterização da instituição de educação infantil como lugar de cuidados e educação, adquire sentido quando segue a perspectiva de tomar a criança como ponto de partida para a formulação das propostas pedagógicas. [...] Educá-la é algo integrado ao cuidá-la. (KUHLMANN JR, 2007, p. 60).

Segundo a Base Nacional Comum Curricular - BNCC, publicada em 22 de dezembro de 2017, a pré-escola tem o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades, com diversidade e consolidação de novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação da família. Enfatiza também, a importância da escola conhecer e trabalhar com as culturas plurais, dialogando com a diversidade cultural das famílias, bem como da comunidade escolar.

Assim, este estudo, ao considerar a formação das crianças na Educação Infantil, parte do princípio de que há um conjunto de conhecimentos que permeiam o desenvolvimento humano que são essenciais nesta etapa de escolarização, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, a pintura, modelagem, atividades corporais, etc. Neste sentido, neste estudo, optamos por discutir a importância da música no processo de escolarização e de aprendizagem das crianças pequenas.

Nessa perspectiva, será apresentada a seguir, a importância da música como um instrumento no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança na pré-escola,

mostrando o que diz a legislação educacional brasileira e também alguns autores, como Ariès (1981), Brito (2003, 2005), Torres (1998), entre outros, sobre essa temática.

2.2.2. A Música como um instrumento mediador da aprendizagem e do desenvolvimento da criança na educação infantil

A música no Brasil surgiu por influência da música na Europa e na África, trazida pelos colonizadores portugueses e pelos escravos. Os nativos indígenas também possuíam suas próprias práticas musicais quando foram colonizados pelos portugueses, o que ajudou a estabelecer uma enorme variedade de estilos musicais que se consolidaram no decorrer da história. No Brasil, de acordo com Godoi (2011), as primeiras manifestações musicais que receberam registros históricos, foram as dos padres jesuítas, que usavam a música em seus cultos religiosos para atrair mais fiéis para sua igreja, mas com o discurso de promover a educação e as manifestações artísticas por meio da música. Nesse sentido, França (1953, p.7) diz:

O coral Gregoriano, mágico instrumento de conversão de que se utilizou o jesuíta José de Anchieta, aquela magnífica figura de evangelizador. E com ele os jesuítas Aspicuelta Navarro e Manuel de Nóbrega. Este dizia que: com a música e a harmonia, atrevo-me a atrair para mim todos os indígenas da América.

A maior influência dos europeus foi para a criação das músicas erudita e popular, enquanto a maior contribuição dos africanos foi em relação a diversidade rítmica e algumas danças e instrumentos, como, por exemplo, o maracatu. Já a influência indígena, está mais presente nas regiões norte e nordeste do país, como, por exemplo, o carimbó e o lundu marajoara. Com o decorrer dos séculos e com a vinda de novos imigrantes europeus, surgiram vários novos ritmos, conforme essas novas influências, como da França e da Itália.

Mas foi apenas no fim do século XVIII, segundo Godoi (2011), que a música brasileira começou a apresentar suas próprias características, se consolidando, na virada do século XIX para o século XX, por meio dos ritmos lundu, frevo, chorinho e samba. Assim, a música nacional ganha autonomia e identidade própria, ganhando notoriedade pelo mundo através de gêneros que se tornaram marca registrada do Brasil, como o samba e a bossa nova.

Dessa forma, podemos ver como a música é introduzida no Brasil pelos imigrantes europeus, povos africanos, padres jesuítas e, pelos ritmos que já se faziam presentes antes da colonização dos povos indígenas, se expandiu e se consolidou ao longo dos séculos e, hoje, no campo das artes, a música tem um papel preponderante na cultura brasileira.

Assim, com a forte presença da música entre o povo brasileiro, em todas as suas classes sociais, desde o surgimento do país, destaca-se, neste estudo, a música na educação e o papel que representa na formação dos alunos e alunas.

No início do século XX, por volta dos anos 1930, com a chegada do Movimento dos Pioneiros da Educação, o ensino de música teve um destaque importante nas escolas brasileiras. Este movimento se propunha a trazer inovações educacionais baseadas nos princípios da Escola Nova, contrapondo-se ao ensino tradicional da época. Neste sentido, Pereira (2010) afirma que:

As reformas educacionais inspiradas nos princípios da Escola Nova, que incluíam as inovações propostas para a educação musical pelo pedagogo suíço J. Dalcroze, ganharam especial impulso no Brasil nos anos vinte e despertaram debates que transgrediram o âmbito do Congresso Nacional para tornarem-se um debate de foro nacional. (PEREIRA, 2010, p. 16)

Segundo Godoi (2011), a ideia de se utilizar a educação musical na formação cultural dos alunos, seu meio e a interação com as outras disciplinas escolares, aparece em nossa história somente na metade do século XX, junto à evolução da educação infantil como instituição educativa.

Em 1996, a LDB Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996, estabeleceu, em seu artigo 26 § 2º, que os currículos do Ensino Fundamental e Médio devem ter uma base nacional comum a ser complementada pelo ensino de Arte (incluindo a música, de modo interpretativo), de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos. Em 2016, por meio da Lei nº 13.278, de 02 de Maio de 2016, que altera o § 6º do Artigo 26 da LDB, que estabelece que “[...] § 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo” (componente curricular obrigatório no currículo da Educação Básica). Em 1998, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil - RCNEI, torna-se a principal orientação para a prática pedagógica na Educação Infantil, tendo a Música como um dos eixos de trabalho nessa etapa de escolarização. O documento ressaltou que o ensino de música deve estar centrado em visões novas como a experimentação, a interpretação, improvisação e a composição, abrangendo, também, a percepção tanto do silêncio quanto dos sons. Além disso, o RCNEI trouxe orientações, objetivos e conteúdos a serem trabalhados pelos professores, os quais foram divididos em dois blocos: o “fazer musical”- compreendido como improvisação, composição e interpretação e a “apreciação musical.” (BRASIL, 1998).

O documento destacava que:

[...] a música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas etc. (BRASIL, 1998, p.44).

Partindo do princípio da vivência e da ludicidade proposto no RCNEI, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil - DCNEI (BRASIL, 2010) estabelece no item 11, que trata das práticas pedagógicas na Educação Infantil, que o currículo escolar deve garantir experiências que:

Favoreçam a imersão das crianças nas diferentes linguagens e o progressivo domínio por elas de vários gêneros e formas de expressão: gestual, verbal, plástica, dramática e musical; [...] Promovam o relacionamento e a interação das crianças com diversificadas manifestações de música, artes plásticas e gráficas, cinema, fotografia, dança, teatro, poesia e literatura; (BRASIL, 2010, p. 27 e 28)

Como se observa, as Diretrizes Curriculares destacam a importância das múltiplas formas de linguagem que a criança deve desenvolver para melhor aprendizagem, inclusive a música.

Em 2017, foi publicada a Base Nacional Comum Curricular para a Educação Infantil – BNCC, a qual estabelece os direitos de aprendizagem e o desenvolvimento da criança nos diferentes campos de experiências, tendo como princípio básico as interações e as brincadeiras, eixos estruturantes da Educação Infantil. Entre os direitos de aprendizagem, o documento assegura às crianças o direito de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se (BRASIL, 2017). Pois é fundamental compreendermos a importância do brincar nessa fase de desenvolvimento da criança, bem como a importância do lúdico, permitindo que brinquem e, conseqüentemente, aprendam brincando, com prazer, criatividade, alegria e diversão.

Nesse sentido, sendo o currículo da Educação Infantil, organizado a partir dos “Campos de Experiência” estabelecidos pela BNCC, tem-se no campo de experiência “Corpo, Gestos e Movimentos” a afirmação de que as crianças: “Por meio das diferentes linguagens, como a música, a dança, o teatro, as brincadeiras de faz de conta, elas se comunicam e se expressam no entrelaçamento entre corpo, emoção e linguagem”. (BRASIL, 2017, p. 41)

Já no campo de experiência “Traços, sons, cores e formas”, o documento estabelece que:

Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras (BRASIL, 2017, p. 43).

Portanto, vislumbramos que tanto a LDB, quanto o RCNEI, as DCNEI e a BNCC apontam para a importância da linguagem musical como conteúdo elementar para o desenvolvimento de habilidades essenciais para a primeira infância e, conseqüentemente, para a formação do indivíduo enquanto ser social e cultural.

2.2.3. A prática pedagógica docente e a música na Educação Infantil

Sabemos que o envolvimento das crianças com a música começa antes mesmo de seu nascimento. Ainda no ventre, o bebê, primeiramente, começa a se familiarizar com os sons emitidos pelo corpo da mãe, como o som do útero, dos batimentos cardíacos, da respiração, entre outros. Posteriormente, já começa a ouvir os sons externos, como vozes e músicas tocadas próxima a barriga da mãe e consegue até mesmo distinguir os tons de vozes entre grave e agudo.

Nesse sentido, Brito (2003) afirma que os bebês e as crianças pequenas estão em permanente contato com o ambiente sonoro que os cercam, e que é possível dizer que o processo de musicalização se inicia quase que espontaneamente, de forma natural e intuitiva, por meio do contato com os sons, por meio de brinquedos sonoros como chocalhos, móveis musicais e outros, além das canções de ninar, e músicas diversas. Todo esse processo é de fundamental importância para os bebês e as crianças, pois faz com que aprendam a se comunicar por meio de sons e gestos, além de possibilitar o seu desenvolvimento afetivo e cognitivo.

As crianças, entre quatro a seis anos, se em contato com a música, recebem estímulos que pode potencializar a sua aprendizagem musical. Desse modo, a prática musical, seja por meio do ouvir uma canção ou tocar um instrumento, faz com que a aprendizagem cognitiva da criança se potencialize, principalmente, na área do raciocínio lógico e abstrato, da memória e do espaço, bem como no desenvolvimento afetivo.

A música é um importante recurso tanto para o processo de alfabetização quanto para o desenvolvimento de uma inteligência musical, assim, a utilização da música na sala de aula está prevista nos Parâmetros Curriculares Nacionais “Sua inclusão como conteúdo neste documento tem a finalidade de garantir a presença, no ensino fundamental, dando ao aluno maiores

oportunidades para o desenvolvimento de uma inteligência musical” (BRASIL, 1997, p. 53 apud DUTRA E SILVA, 2018).

A música na Educação Infantil vai além do seu sentido musical, ela abrange um campo maior envolvendo a parte cognitiva e motora da criança, proporcionando um desenvolvimento integral. Neste sentido, Brito (2003) ressalta que:

[...] importa, prioritariamente, a criança, o sujeito da experiência, e não a música, como muitas situações de ensino musical consideram. A educação musical não deve visar à formação de possíveis músicos do amanhã, mas sim à formação integral das crianças de hoje. (BRITO, 2003, p. 46).

A prática pedagógica musical é essencial no cotidiano escolar e exige do professor uma atitude dinâmica e de interação na sala de aula. Nesta perspectiva Brito (2003) afirma que:

[...] o professor deve atuar sempre- como animador, estimulador, provedor de informações e vivências que irão enriquecer e ampliar a experiência e o conhecimento das crianças, não apenas do ponto de vista musical, mas integralmente, o que deve ser o objetivo prioritário de toda proposta pedagógica, especialmente na etapa da Educação Infantil. (BRITO, 2003, p.45)

Desse modo, trabalhar com a musicalização na Educação Infantil, requer que os professores compreendam essa importância e estejam preparados e capacitados para isso. Como a maioria dos professores que atuam na Educação Infantil, é unidocente e não têm formação musical específica, os cursos de especialização ou cursos de capacitação ou de Educação Continuada nessa área são essenciais a fim de que possam compreender a importância que a musicalização possui no desenvolvimento da criança e em seu processo de aprendizagem. Vale destacar a importância, também, do educador infantil conhecer as diferentes fases de desenvolvimento da criança, seus interesses musicais, e os estágios em que se encontram quanto às produções sonoras, gestos e movimentos, para que possa planejar e oferecer atividades musicais adequadas ao seu nível de compreensão. Os professores, mesmo não tendo formação específica em música, podem mediar o contato da criança com essa arte, de modo que a experiência musical desperte sua criatividade e imaginação.

Assim, como forma de se trabalhar toda essa complexidade, Brécia (2003) defende a utilização dos jogos musicais, compostos por regras e organizados de forma que a criança necessite escutar a si próprio e estar em silêncio na vez do outro, pois contribuem para a organização de ideias, alinhando o que se ouve ao que se faz, como nas brincadeiras: morto vivo, dança das cadeiras, entre outras. O autor acrescenta, ainda, que “o aprendizado de música,

além de favorecer o desenvolvimento afetivo da criança, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo" (pág. 81).

Ainda, de acordo com Barreto (2004),

“Ligar a música e o movimento, utilizando a dança ou a expressão corporal, pode contribuir para que algumas crianças, em situação difícil na escola, possam se adaptar (inibição psicomotora, debilidade psicomotora, instabilidade psicomotora, etc). Por isso é tão importante a escola se tornar um ambiente alegre, favorável ao desenvolvimento. (BARRETO, 2004 p. 45)

A música une som e ritmo e se caracteriza por sua capacidade artística, além de ser um meio de comunicação, que permite ao sujeito expressar-se. Assim, o professor pode envolver a música nas mais variadas atividades pedagógicas, com as crianças para prestarem atenção nos sons a sua volta e aos ritmos musicais, se por meio dos instrumentos ou da voz. A música possibilita que as crianças aprendam a sincronizar os movimentos do corpo ao ritmo, a se equilibrar, a desenvolver a apreciação musical e tantas outras possibilidades. O professor pode se utilizar da música para que as crianças aprendam os diferentes timbres e intensidade de voz, objetos e instrumentos.

Destacou-se no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) os seis eixos de trabalho, que são: movimento, artes visuais, música, linguagem oral e escrita, natureza e sociedade, matemática. Desse modo, enfatiza-se que:

a música é a linguagem que se traduz em formas sonoras capazes de expressar e comunicar sensações, sentimentos e pensamentos, por meio da organização e relacionamento expressivo entre o som e o silêncio. A música está presente em todas as culturas, nas mais diversas situações: festas e comemorações, rituais religiosos, manifestações cívicas, políticas etc. Faz parte da educação desde há muito tempo, sendo que, já na Grécia antiga, era considerada como fundamental para a formação dos futuros cidadãos, ao lado da matemática e da filosofia.

Segundo Gohn (2010):

quando a criança ouve uma música, aprende uma canção, brinca de roda, participa de brincadeiras rítmicas ou de jogos de mãos recebe estímulos que a despertam para o gosto musical, introduzindo no seu processo de formação um elemento fundamental do próprio ser humano.

Desse modo, foi possível refletir que a música, quando utilizada de forma planejada e específica como prática pedagógica na pré-escola, contribui significativamente no desenvolvimento intelectual e cognitivo da criança que se encontra em formação, desenvolvendo diversas habilidades, agindo em suas relações afetivas, fortalecendo vínculos,

auxiliando na superação das dificuldades pessoais ou de aprendizagem e contribuindo no processo de inclusão.

2.2.4. Resultados e discussões

Como vimos, a música na educação infantil pode se fazer presente em diferentes situações do cotidiano escolar. Desse modo, refletir sobre as possibilidades de utilização da música nesta etapa de ensino, se torna essencial, para que não caiamos numa visão simplista e fragmentada do ensino da música.

A respeito de quem deve ensinar música na Educação Infantil, Torres (1998, p. 137) considera que: “[...] deve ser um professor que saiba criar e oportunizar situações que favoreçam as atividades musicais, podendo ser especialista ou não”.

No entanto, nas escolas de Educação Infantil, especialmente nas públicas, geralmente, não há um professor especialista em música, efetivo ou contratado, para atuar com este componente curricular. Assim, a música passa a ser um conteúdo a ser trabalhado pelo professor unidocente, conhecedor de muitas músicas infantis, as quais ensina às crianças e passa a cantá-las cotidianamente. Mas, sem formação específica para tal, a sonoridade, a musicalidade, os ritmos não são apresentados às crianças como forma de enriquecer sua vivência musical, pois, segundo Torres (1998), a maioria dos professores, formados em curso de Pedagogia, não teve formação musical, pelo fato de, os cursos, darem pouca ênfase no ensino da música.

Coadunamos com Godoi (2007) quando diz que a música poderia ser trabalhada de modo diferente de como, em geral, tem sido realizada. Por exemplo, por meio de exercícios musicais para o desenvolvimento da pulsação, medidas do som, ritmos, canto, brincadeiras, parlendas, jogos cantados, criação de música, sonorização de história, utilização de instrumentos musicais, dentre outros. Ainda segundo o autor, propor brincadeiras nas quais os alunos descrevem os sons que emitem quando acordam, escovam os dentes, comem e colocam suas roupas e sapatos. Brito (2003), relata que “esses jogos trabalham usando ações dos cotidianos dando base para desenvolver muito a criatividade e atenção das crianças”.

Segundo Delalande (1999), a partir de uma análise que relaciona a música em sua natureza a um jogo, é possível comparar os níveis de atividade lúdica infantil proposta por Piaget: jogo sensório-motor, jogo simbólico e jogo com regras, aos níveis de desenvolvimento musical, aos quais ele se refere como condutas de produção sonora musical: exploração, experimentação e construção. Delalande (1999) relaciona esses níveis da seguinte forma: o jogo sensório-motor é vinculado à exploração do som e do gesto, o jogo simbólico é vinculado ao

valor expressivo e à significação do discurso musical e o jogo com regras envolve a construção, ou seja, a organização e a estruturação da linguagem musical.

O objetivo ao se trabalhar com a musicalização na Educação Infantil, de acordo com Brito (2003), deve ser o desenvolvimento da competência musical da criança através do estímulo à sua criatividade, a expressividade, a sensibilidade e a musicalidade, e assim desenvolver a percepção auditiva, senso rítmico, memória musical, psicomotricidade, afetividade, socialização, disciplina e trabalho em grupo, a partir do conhecimento musical especializado. Nesse sentido, um exemplo de atividade musical na pré-escola poderia ser: solicitar às crianças, após ouvirem uma música, como por exemplo, o som de chuva com várias intensidades (chuveiro, chuva com trovoadas, tempestade com ventos fortes, etc.), a representação por meio de gestos, expressões corporais e desenhos o que elas ouviram, possibilitando, assim, trabalhar as noções de intensidade, coordenação motora, criatividade, expressividade, percepção auditiva, entre outros.

Nessa perspectiva, Beaumont (2003) defende:

[...] ser apropriada, contudo, uma formação musical adequada, inicial e permanente. Para trabalhar Música de maneira interligada às diversas áreas do conhecimento escolar, as professoras não devem “conhecer menos” sobre esta área, correndo o risco de retorno de um trabalho “polivalente”. Além disto, seus conhecimentos musicais não se devem restringir a algumas atividades, brincadeiras ou jogos adequados, para este ou aquele conteúdo, mas necessário é que sejam ampliados e aprofundados, a partir dos saberes que disponibilizam e das práticas musicais que já desenvolvem nesta área (BEAUMONT, 2003. p. 105).

Desse modo, precisamos lutar para que a música seja realmente trabalhada de maneira integrada com as diferentes áreas do conhecimento na Educação Infantil. No entanto, para que isso seja possível, é necessário que os professores que atuam na Educação Infantil tenham instrumentos pedagógicos, preparo e qualificação por meio de um processo de formação inicial e continuada, bem como um trabalho integrado de professores especialistas em música com os docentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste Trabalho de Conclusão de Curso possibilitou-nos aprofundar mais nessa temática que se faz tão importante e enriquecedora na Educação Infantil. A partir daí, conhecemos e refletimos sobre as ideias e pensamentos de diferentes autores e documentos oficiais como o RCNEI as DCNEI e BNCC. Isso levou-nos a ampliar nossos saberes acerca das diferentes práticas pedagógicas que podemos aplicar na nossa atuação docente, de modo a possibilitar aos alunos o desenvolvimento e aprendizagem de forma significativa, lúdica e interativa.

A escrita do memorial reflexivo possibilitou reviver diferentes situações e emoções de nossas vidas, bem como analisar, criticar e ressignificar nossas concepções de educação, professor e aluno. Conforme Freire (2001, p. 43): “ninguém nasce feito, vamos nos fazendo aos poucos na prática social de que nos tornamos parte”. Assim, a educação nos transforma e nos faz crescer dando novos sentidos à vida. Somos seres que se educam em comunhão através do conhecimento. “Ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1983a, p. 79).

Desse modo, temos a consciência da importância de refletirmos sempre sobre a nossa prática pedagógica, pois, nesse processo, em idas e vindas conceituais sobre o mundo, a educação, a escola, vamos construindo nossa identidade profissional. O curso de Pedagogia à Distância, com foco na formação docente, nos possibilitou construir, pela reflexão, os conhecimentos necessários à docência. Nesse sentido, Nóvoa afirma:

[...] a formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada. Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projectos próprios, com vistas à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (NÓVOA, 1991, p.25).

Nessa perspectiva, a formação inicial bem como a continuada torna-se imperiosa tanto para a construção da identidade profissional quanto para se ter uma educação de qualidade com aprendizagem significativa.

Já a realização do aprofundamento teórico acerca da música na Educação Infantil nos possibilitou refletir sobre a prática musical necessária aos professores na Educação Infantil, bem como sobre a proposta curricular do ensino de música na Educação Infantil. É necessário ressaltar que há um distanciamento entre a prática pedagógica e as propostas, tanto dos documentos orientadores do currículo escolar para a Educação Infantil, quanto dos estudos e

pesquisas dos diversos autores e autoras discutidos no presente estudo. É possível perceber que os professores, em geral, utilizam-se da música em diversos momentos na escola, como, por exemplo, na entrada das crianças, na hora lanche, no momento de reforçar hábitos de higienização, nas festividades e comemorações na escola, no ensino de diferentes conteúdos, dentre outros. Isso mostra que a música se faz presente nas escolas, mas, por outro lado, os professores não estão preparados, conforme alertou Brito (2003), e, dessa forma, a música que poderia ser utilizada como um instrumento no processo de desenvolvimento e aprendizagem da criança, tem sido apenas um entretenimento na escola.

Neste sentido, quando a criança desde pequena é estimulada pelo gosto musical, ela aprende a acompanhar o ritmo e o som da música, desenvolve os dois hemisférios do cérebro e seus neurônios são ativados. Assim, tem a oportunidade de se beneficiar das contribuições da música para o seu desenvolvimento de modo integral.

Concluimos que é fundamental que os professores compreendam o papel que a música desempenha no desenvolvimento integral (motor, cognitivo, social, afetivo, cultural etc.) das crianças e que conheçam os diferentes benefícios que ela traz, tais como: criatividade, capacidade rítmica, coordenação motora, afetividade, socialização, participação, expressão corporal, linguagem, aumento do repertório musical e cultural, dentre outros.

Referências

- ANDRADE, M. **Pequena História da Música**. Martins Editora, 1980.
- ÁRIES, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BARBOSA, A. M (Org.). **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. 6. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2011.
- BARRETO, S. de J.; SILVA, C. A. da. **Contato: sentir os sentidos e a alma: saúde e lazer para o dia a dia**. Blumenau: Acadêmica, 2004.
- BEAUMONT, M. T. de. Paisagens polifônicas da Música na escola: saberes e práticas docentes. 2003. 122f. **Dissertação** (Mestrado). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia: UFU, 2003.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil** / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.
- BRASIL. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, Vol.1,3. 1998.
- BRÉSCIA, V. P. **Educação musical: bases psicológicas e ação preventiva**. Campinas: Átomo, 2003.
- BRITO, T. A. **Música na educação infantil – propostas para a formação integral da criança**. São Paulo: Editora Petrópolis, 2005.
- DUTRA, A. de F. ; SILVA, A. C. da. **A música na escola com recurso para o processo de alfabetização**. In: Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão da UEG. Anais... 2018
- DELALANDE, F. **A criança do sonoro ao musical**. In: Encontro Anual da ABEM: a formação de professores para o ensino de música. Curitiba: ABEM. Anais...1999. p.48-51.
- FRANÇA, E. N. **A música no Brasil**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1953.
- FREIRE, P. 1921-1997. **Política e educação: ensaios/Paulo Freire**. 5. ed. São Paulo, Cortez, 2001. (Coleção Questões de Nossa Época; v.23).
- FREIRE, P. **Política e Educação**. São Paulo: Cortez Editora, 1993.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983a

GÉLIS, J. A individualização da criança. *In: História da Vida Privada*. v. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. p. 311 – 329.

GODOI, L. R. A importância da música na Educação Infantil. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Pedagogia). Universidade Estadual de Londrina. Londrina, 2011.

KUHLMAN JR, M. Educação Infantil e Currículo. *In*. FARIA, Ana Lúcia Goulart de e PALHARES, Marina Palhares. **Educação Infantil Pós-LBD: rumos e desafios**. 6. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

MOREIRA, M. A. **Teorias de Aprendizagem**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1999.

NOGUEIRA, M. A. A música e o desenvolvimento da criança. **Revista da UFG**, Goiânia, v. ano VI, n. volume 2, p. 22-25, 2004. Disponível em: . Acesso em: 20 mai. 2019

NÓVOA, A.. **A formação contínua de professores: realidades e perspectivas**. Aveiro: Universidade de Aveiro, 1991;

PEREIRA, L. F. R.. Um movimento na história da educação musical no Brasil: uma análise da campanha pela LEI 11.769/2008. **Dissertação** (Mestrado), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (Uni-Rio), Centro de Letras e Artes. Rio de Janeiro, 2010.

PIAGET, J. **A epistemologia genética**. Petrópolis: Vozes, 1971.

ROSEMBERG, F.; CAMPOS, M. M.; FERREIRA, I. M. **Creches e pré-escolas no Brasil**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2001.

TIAGO, R. A. Música na Educação Infantil: saberes e práticas docentes. **Dissertação** (Mestrado). Universidade Federal de Uberlândia. Minas Gerais, 2007.

TORRES, M. C. de A. R. Educação musical no curso de graduação em Pedagogia Univates (RS). **Expressão-** Revista do Centro de Artes e Letras. Santa Maria:, n. 2, p. 135-138, 1998.

VEYNE, P. O Império Romano. *In: História da Vida Privada*. v. 1. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 19 – 43.

VIGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.